



ACTAS

TOMO II

**Património: Estudos, Defesa e Valorização
Turismo e Desenvolvimento Regional**

30 de Novembro a 2 de Dezembro de 2017

CASA DAS ARTES

ARCOS DE VALDEVEZ



Ficha Técnica

Título:

**Actas do 5.º Congresso Internacional
Casa Nobre – Um património para o futuro**

Edição:

Município de Arcos de Valdevez

Data:

Novembro de 2020

ISBN:

978-972-9136-87-0

[Título: Actas do 5.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um Património para o Futuro
Arcos de Valdevez, 30 de Novembro a 2 de Dezembro de 2017]

[Autor: Vários]; [Co-autor(es):]; [Suporte: Eletrónico]; [Formato: PDF / PDF/A]

Património

Estudos, Defesa e Valorização



MANUEL TELLES DA SILVA (1641-1709) E UM GOSTO ERUDITO PELA ARQUITECTURA DE SETECENTOS. SOCIABILIDADES, VIVÊNCIAS E ESPAÇOS DE HABITAR

MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA
Universidade Aberta | CHAIA | ARTIS – FLUL | CITAR
agagodacamara@sapo.pt; matgc@uab.pt

TERESA DE CAMPOS COELHO
CHAM | FCSH
teresacamposcoelho@gmail.com

Resumo | Abstrat

Manuel Telles da Silva (1641-1709) conhecedor da cultura erudita e cosmopolita da sua época irá marcar significativamente a transição do século XVII para o século XVIII, assim se justificando nas marcas que deixou no seu património edificado: na escolha da construção do importante palácio na Mouraria em Lisboa, espaço que centrava todas as atenções da família, na Quinta das Lapas, local de veraneio nos arredores de Lisboa e nas obras da casa da Quinta Alegre na Charneca do Lumiar.

No contexto da investigação que temos vindo a realizar sobre o importante património edificado desta não menos importante família (Condes de Villar Mayor, Marqueses de Alegrete, Condes de Tarouca e Marqueses de Penalva), pretendemos apresentar nesta comunicação uma síntese da primeira parte deste trabalho, referente aos três espaços cuja construção se deve a Manuel Telles da Silva. Embora muito alterados ao longo da segunda metade do século XVIII, e do século XIX, adaptando-se às alterações que os rituais da vivência e sociabilidade exigiam, partilham alguns elementos em comum (sobretudo no que diz respeito às duas quintas de veraneio), o que resulta certamente do facto de terem sido construídos no mesmo período, e de seguirem um mesmo gosto, próprio da elite da época, e dos muitos contactos que esta família estabeleceu fora do Reino.

E por que a história das grandes casas senhoriais está indissociavelmente ligada à daqueles que as habitaram, marcando-as no tempo e no espaço referiremos ainda, que sucintamente, as características destes espaços relacionando-os com o contexto artístico e social da época do seu encomendador (homem de confiança de D. Pedro II, seria uma figura proeminente da Corte de então, desempenhando os mais altos cargos no Reino), bem com o daqueles que os viriam a habitar posteriormente e que seriam responsáveis por significativas transformações deste património, memória de uma das mais importantes famílias do *Portugal Restaurado*.

Palavras-chave: Património, Telles da Silva, Barroco, Palácio, Quinta.

INTRODUÇÃO | INVESTIGAÇÃO EM CURSO

O trabalho que aqui apresentamos – no âmbito do 5.º Congresso *Casa nobre: um património para o futuro* – é o resultado de uma investigação em curso, mais vasta, sobre o património artístico de uma das mais importantes casas aristocráticas do *Portugal Restaurado*: família Telles da Silva, Condes de Vilar Maior; Marqueses de Alegrete, Condes de Tarouca e Marqueses de Penalva. Este projeto de investigação,



a decorrer desde 2015, centra-se no estudo do património artístico desta família, cuja edificação se iniciou em finais do século XVII, e das grandes transformações por ele sofridas ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Apresentaremos aqui apenas uma síntese da primeira fase deste nosso trabalho, referente a três espaços de habitação nobre cuja construção se deve a Manuel Telles da Silva (1641-1709) os quais, embora muito alterados posteriormente, apresentam alguns elementos em comum (sobretudo no que diz respeito às duas quintas de veraneio, como iremos ver), o que resulta certamente do facto de terem sido possivelmente edificadas no mesmo período, seguindo assim um mesmo gosto próprio da elite da época, e dos muitos contactos que esta família estabeleceu fora do Reino.

O enfoque tem sido trabalhar documentação inédita, especificamente no Arquivo Tarouca na Biblioteca Nacional de Portugal (correspondência, Inventários, testamentos, documentação panegírica, entre outra) procurando reconstituir o gosto e os percursos vivenciais desta família.

Centrados na figura do 1.º Marquês de Alegrete, Manuel Telles da Silva, e partindo de recentes trabalhos sobre o seu palácio na Mouraria em Lisboa¹ e a Quinta das Lapas², esta situada nos arredores de Torres Vedras utilizada por esta família como local de veraneio, temos agora em curso o estudo referente à Quinta Alegre na Charneca do Lumiar, cuja construção lhe está também atribuída, concluindo assim a primeira parte do nosso projecto.

MANUEL TELLES DA SILVA (1641-1709) | CONTEXTO BIOGRÁFICO

“(…) Foy hum dos mais excellentes Ministros de Estado que teve este Reyno, com grande talento para os negocios, e admiravel modo na resolução delles (…) tendo servido na Patria com zelo do bem publico todos os lugares, que exerceo com desinteresse, e independencia, conseguindo em todos honra, e boa fama (…)”³.

Nos trabalhos anteriores esboçámos já uma biografia de Manuel Telles da Silva, pelo que relembremos apenas parte do percurso que o tornaria uma figura proeminente na Corte de D. Pedro II, de modo a entender melhor o contexto em que empreendeu o engrandecimento da sua Casa.

Filho de Fernão Telles de Meneses (c. 1600-1662) feito 1.º Conde de Villar Mayor em 1653 em virtude do importante papel que desempenhou na Restauração, e de D. Mariana de Mendonça, sucederia no título a seu pai em 1662, ano imediatamente a seguir àquele em que havia iniciado a sua actividade na qualidade de capitão de uma companhia de ordenança da cidade de Lisboa. A sua vida orientar-se-ia sempre, desde então, pela prestação de serviços à Coroa, desempenhando cargos de relevo na administração do Reino – Regedor das Justiças da Casa da Suplicação (1669), Vedor da Fazenda da Repartição de África (1672), Vedor da Fazenda da Repartição do Reino (1681). À fama coquistada no desempenho destas funções, ter-se-á juntado ainda a posição tomada como partidário do Infante D. Pedro (1648-1706) na questão que opôs este a D. Afonso VI (1643-1683), ao lado de figuras proeminentes como o 1.º Duque de Cadaval

¹ CÂMARA, Maria Alexandra Gago da; COELHO, Teresa de Campos – “O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria: do Palácio ausente à memória do sítio”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, II Série, vol. V, *Histórias de Casas e de quem la vive(u)*, vol. I, Coordenação Maria Raquel Henriques da Silva, Janeiro-Junho 2016, pp. 81-126 (disponível em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/gca/index.php?id=798&preview=1>).

² CÂMARA, Maria Alexandra Gago da; COELHO, Teresa de Campos – “Quinta das Lapas. Recreio e Erudição numa notável morada do 1.º marquês de Alegrete (1641-1709)”. *III Colóquio Internacional – A Casa Senhorial. Anatomia dos interiores*, Universidade Católica do Porto, CITAR, Porto, 2018, pp. 45-68.

³ SOUSA, António Caetano de – *História genealógica da Casa Real Portuguesa*. Coimbra: Atlântica, 1949, tomo IX, pp. 338-339.

(1638-1725). Nomeado Conselheiro de Estado em 1679 seria a função de embaixador extraordinário enviado em 1686 a negociar e ultimar o casamento em segundas núpcias entre D. Pedro II e a princesa Maria Sofia de Neuburgo (1666-1699), filha do Eleitor Palatino, que lhe traria maior prestígio e o título, em 19 de agosto de 1687, de 1º Marquês de Alegrete, reforçando a sua posição como homem de confiança do Rei. Responsável pela condução da nova Rainha a Portugal sabemos, pelo notável relato desta embaixada que nos deixou António Rodrigues da Costa (1656-1732)⁴, que Manuel Telles da Silva terá representado o próprio monarca no casamento celebrado por procuração a 2 de Julho de 1687, no Castelo de Heidelberg.

Ainda no âmbito da diplomacia externa viria a ter um papel determinante nas negociações do *Tratado de Methuen* (1703).



Fig. 1 – Pedra de armas do demolido portal principal do palácio do marquês de Alegrete (rua da Mouraria), hoje no Museu de Lisboa, Palácio Pimenta (MC.ESC.0481). Fotografia do Museu de Lisboa.

O 1.º Marquês de Alegrete notabilizar-se-ia também pela instrução humanista e gosto pela História que demonstrou nas muitas obras que compôs das quais se destaca *De rebus gestis Joannis II: a vida de elrey D. João II*, publicada em Lisboa em 1689⁵, afirmando-o como protagonista da cultura erudita que então circulava quer nos salões do seu palácio à Mouraria, quer nos do Conde da Ericeira à Anunciada.

⁴ *Embaixada que fes o Excellentissimo Senhor Conde de Villar-Maior (hoje Marques de Alegrete) (...) ao (...) Principe Philippe Guilhelmo Conde Palatino (...) Conduçam da Rainha Nossa Senhora a estes Reinos, festas, & applausos, com que foi celebrada sua felix vinda, & as augustas vodas de Suas Majestades*. Lisboa: Oficina de Miguel Menescal, 1694.

⁵ Tendo outra edição em Haia, em 1712. Sobre a sua erudição e, em especial, sobre esta obra, diz-nos ainda Caetano de Sousa: "(...) com grande erudição na Historia profana, e muita applicação, e genio ás bellas letras (...). Compôs na língua Latina de sorte que foy hum dos

A sua erudição e prestígio estender-se-ia também às gerações seguintes (com os títulos de Villar Mayor, Alegrete, Tarouca e Penalva, além de outros que resultaram de uma ampla rede de ligações matrimoniais) que viriam igualmente a desempenhar importantes cargos no âmbito da diplomacia e cultura, mesmo a nível internacional, como o demonstraram os seus filhos Fernando Telles da Silva (1662-1734), 2.º Marquês de Alegrete e 3.º Conde de Villar Mayor⁶ e João Gomes da Silva, 4.º Conde de Tarouca (1671-1738)⁷, ou os netos Tomás Teles da Silva (1683-1762)⁸, e Manuel da Silva Teles (1696-1771)⁹, só para citar alguns nomes.

A importância que atingiu esta notável família deduz-se também pelo conteúdo da fabulosa Livraria que possuíam no palácio da Mouraria, como se pode comprovar consultando o catálogo que dela nos chegou¹⁰: abrangendo os vários domínios das letras e da ciência, nele se distinguem os manuscritos e títulos referentes à História de Portugal e à Genealogia, como seria de esperar numa família da elite do *Portugal Restaurado*.

ESPAÇOS DE HABITAR | VARIANTES E INVARIANTES TIPOLOGICAS

Como o definiu Frei Pedro Monteiro no *Elogio Fúnebre* de Ihe dedicou "(...) o nosso illustre Marquez já morreo velho, & he haver sido toda a sua vida Palaciano, & a vida do Paço ser tão cheya de cuydados & obrigações (...)"¹¹. Manuel Telles da Silva, membro da elite aristocrática da época, não deixaria de aumentar a *Grandeza* da sua *Casa*, traduzida na construção do importante palácio da Mouraria (demolido em 1946), símbolo do prestígio, riqueza e estatuto do seu proprietário, o qual centraria também todas as atenções da família. Do património por si edificado fazem ainda parte a Quinta Alegre, também conhecida como Quinta do Alegrete, cuja construção Ihe está atribuída, como já referimos¹², situada à saída de Lisboa, e a reconstrução da Quinta das Lapas no Requengo de Torres Vedras¹³ adquirida pela mãe D. Mariana de Mendonça, em 1640. Estas duas quintas, a par do importante papel social que desempenharam como quintas de recreio, terão sido igualmente determinantes para a vida económica da *Casa de Alegrete*, trazendo-Ihe rendimento, nomeadamente através da produção de vinho, como a documentação demonstrou.

imitadores de Cicero na pureza, e eloquencia, como se vê na vida delRey D. João II (...)", *História genealógica da Casa Real Portuguesa*, ob. cit, tomo IX, pp. 338-339.

⁶ Tal como o pai chefeara a embaixada para os preparativos do casamento de D. Pedro II com Maria Sofia de Neuburgo, também a Fernando Telles da Silva seria confiada a embaixada que em 1707 acertaria o casamento de D. João V com Maria Ana de Áustria (1683-1754), conduzindo a Portugal a nova Rainha. Ocupando, igualmente, importantes cargos na administração do Reino notabilizar-se-ia ainda pelo papel activo que teve na então recém criada Academia Real Portuguesa de História.

⁷ Conhecido pela sua erudição, mesmo a nível da cultura artística, sobre o seu notável desempenho no âmbito da diplomacia externa cf. CLUNY, Isabel – *O Conde de Tarouca e a Diplomacia na época Moderna*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

⁸ Filho do 2.º Marquês, depois de uma carreira notável como militar, mesmo a nível internacional, morreria no Castelo da Foz no Porto, por estar envolvido na conspiração do Duque de Aveiro.

⁹ Filho do 4.º Conde de Tarouca, notabilizar-se-ia como mentor da Imperatriz Maria Teresa de Áustria (1717-1780).

¹⁰ *Catalogo dos manuscriptos da antiga livraria dos Marquezes de Alegrete, dos Condes de Tarouca e dos Marquezes de Penalva e pertencente à sua actual representante a Condessa de Tarouca*. Lisboa : Imprensa de João Romano Torres, 1898.

¹¹ *Sermam nas exequias do excellentissimo senhor Manoel Telles da Sylva, primeyro Marquez de Alegrete, que prégou na Igreja Parochial de N. S. do Socorro, desta Corte de Lisboa, em 13 de Outubro de 1703 [i. é 1709], havendo falecido em 13 de Setembro do mesmo anno...* Fr. Pedro Monteyro. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1716, p. 9.

¹² Classificada como *Imóvel de Interesse Público* (Decreto n.º 44452, DG n.º 152 de 05 julho 1962 e pelo esclarecimento publicado em Decreto n.º 129 / 77, DR, I Série, n.º 226, de 29/9/1977). Embora não esteja documentada a sua construção pelo 1.º Marquês de Alegrete, a quinta estava na posse da família quando da sua venda à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em 1983.

¹³ Classificada como *Imóvel de Interesse Público* (Decreto-Lei 129/77 de 29 de Setembro e pelo Decreto de 5/2002 de 19 de Fevereiro (art.º 2.º, ponto 3).

Embora correspondendo a tipologias diferentes (palácio urbano e quinta de recreio), podemos estabelecer alguns traços comuns a estes três grandes edifícios. O primeiro, e talvez o mais surpreendente, diz respeito à geometria das suas plantas, materializada no duplo quadrado que define cada uma delas (muito possivelmente traçadas pelo mesmo arquitecto).

Manuel Telles da Silva nascera em 13 de Fevereiro de 1641 nas *Casas da Mouraria* em que viviam os seus pais, recebidas por D. Mariana de Mendonça como dote do seu casamento com D. Fernão Telles de Meneses¹⁴; ao herder este património iria transformá-lo num sumptuoso palácio, sobre o troço da Muralha fernandina adjacente às então denominadas Rua de S. Vicente (por ser fronteira às hortas pertencentes a este mosteiro) e calçada do Jogo da Pela, na zona de expansão da cidade para norte.

A construção implicaria a demolição de um troço da muralha e de uma pequena torre a ela adossada, ocupando dois lotes de terreno que tinham sido adquiridos pela família de Tristão da Cunha¹⁵, aos quais Manuel Telles da Silva iria juntar outros lotes por volta de 1675¹⁶, de modo a poder aumentar e *meter em esquadria*, isto é, regular e uniformizar as fachadas do que viria a ser o seu palácio¹⁷.

O texto de A. Vieira da Silva é fundamental para o seu estudo, quer pelos documentos iconográficos que apresenta (de que consta a única planta que se conhece do palácio, correspondente ao piso térreo), quer por este autor ter sido uma testemunha do edifício ainda existente – muito arruinado pelo terramoto de 1755, a então subdivisão do espaço com materiais precários (destinada à instalação de variadas explorações comerciais, muitas delas arrendadas por sublocação), conduziria à sua demolição em 1946.

Inserido numa malha urbana apertada, e com uma volumetria paralelepipedica (outra característica comum também ao palácio e às quintas de veraneio que referimos, para além da planta em duplo quadrado), apresentava na fachada norte, a nível do andar nobre, uma fenestração ritmada por vãos de sacada com verga direita, e uma austeridade de tradição chã que encontramos na arquitectura portuguesa dos séculos XVII e XVIII (e comum a muitos dos palácios lisboetas)¹⁸. Esta austeridade era apenas cortada pelos imponentes portais em cantaria lavrada – um com a pedra de armas da família na fachada principal, situada extra muros e voltada a nascente, junto do Arco que perpetuaria a memória do marquês (Arco do Marquês do Alegrete), e dois outros a rematar a fachada sul (voltada para o Largo Silva e Albuquerque), nos dois corpos laterais que, à maneira de torreões, conferiam simetria e imponência a todo o alçado¹⁹.

¹⁴ TAROUCA, Carlos da Silva – “Conselhos dum Ministro de D. Pedro II para seu filho, Reitor da Universidade de Coimbra”, in *Revista Brotéria*, n.º 36, 1943, p. 483. Para a história deste palácio salientamos a seguinte bibliografia: SILVA, Augusto Vieira da – “Sítio e palácio do Marquês de Alegrete”, *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal, n.ºs 30/31 (1948), pp. 3-15; MIGUEL, Pedro Lopes Madureira da Silva – *Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII: titulares, a corte, vivências e sociabilidades* [em linha]. Lisboa: [s.n.], 2012. Dissertação de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. [Consult. 01.2016]. Disponível na Internet: <http://hdl.handle.net/10362/7861>; CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da / COELHO, Teresa de Campos – “O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria: do Palácio ausente à memória do sítio”, *Cadernos do Arquivo Municipal*. ISSN 2183-3176. 2.ª Série, n.º 5 (Janeiro-Junho 2016), pp. 81-26. Disponível em: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/cad5/artigo03.pdf>.

¹⁵ SILVA, Augusto Vieira da – “Sítio e palácio do Marquês de Alegrete”, ob. cit., pp. 10 e 11.

¹⁶ MIGUEL, Pedro Lopes Madureira da Silva – *Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa...*, ob. cit., p. 43.

¹⁷ A compra destes terrenos destinava-se ainda a recompensar o Senado pelo que se tomava da via pública para regular a fachada do palácio, de acordo com os cordeamentos de 1676, 1689 e 1692 feitos pelo mestre da cidade João Luiz. In CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da / COELHO, Teresa de Campos – “O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria: do Palácio ausente à memória do sítio”, ob. cit., p. 89.

¹⁸ Tal como encontramos, também na Quinta Alegre (na Quinta das Lapas as fachadas seriam alteradas no final do século XVIII). Aceitando a sugestão de Pedro da Silva Miguel, a prumo das janelas de sacada do andar nobre situar-se-iam, num segundo andar, outras tantas janelas de peitoril – *Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa...*, ob. cit., vol. II, pp. 16 e 17.

¹⁹ A. Vieira da Silva (ob. cit., p. 14) defende que primitivamente todos deveriam ter tido também as armas dos Telles da Silva como sucedia no portal principal não existindo, quanto a nós, nada que o confirme.



Fig. 2 – Palácio da Mouraria. Fotografia de Mário Novais, Arquivo Fotográfico da CMLisboa.
PT//AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/MNV/000315.



Fig. 3 – Palácio da Mouraria. Fotografia de Eduardo Portugal, Arquivo Fotográfico da CMLisboa.
PT//AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/EDP/001442.



Fig. 4 – Planta do palácio. Publicada por SILVA, A. Vieira da – *Sítio e palácio do Marquês de Alegrete*, ob. cit., p. 13.

Embora esteja ainda por determinar o que na Quinta Alegre resultou quer da iniciativa de Manuel Telles da Silva quer da reconstrução sofrida no século XIX, ela apresenta algumas semelhanças com a Quinta das Lapas, não apenas na proporção das suas plantas em duplo quadrado, mas também numa mesma organização interna inicial, ainda perceptível, apesar das alterações posteriormente sofridas. Em ambas o acesso é feito através de um *pátio de honra* situado num dos lados menores do rectângulo, de uma dimensão esmagadora no caso das Lapas (resultante das transformações sofridas em finais do século XVIII), mas muito mais intimista no caso da Quinta Alegre. Da sua especificidade como quintas de recreio ambas partilham também o forte efeito cenográfico resultante do diálogo interior/exterior, através de fachadas abertas para espaços de sociabilidade dispostos em terraços ajardinados em socaço, e potencializado na qualidade dos programas decorativos que oferecem. Nas Lapas a erudição do conjunto é ainda expressa nas arquitecturas que pontuam o exterior, inspiradas em tratadistas como Serlio²⁰, o que já não é possível detectar na Quinta Alegre, cujo a envolvente não resistiu à pressão urbana do século passado.

²⁰ “Quinta das Lapas. Recreio e Erudição numa notável morada do 1.º marquês de Alegrete (1641-1709)”, ob. cit., pp. 63-65.



Fig. 5 – Pátio de honra da Quinta Alegre
(fotografia das autoras).



Fig. 6 – Pátio de honra da Quinta das Lapas
(fotografia das autoras)



Fig. 7 – Templete de Santa Maria Madalena, inspirado em Serlio.
(Fotografia cedida pelo investigador Moedas Duarte).

Situada numa das principais vias de saída da cidade no século XVIII (Estrada da Charneca, que então começava no Chafariz de Arroios, hoje denominada Campo das Amoreiras) a Quinta Alegre apresenta ainda algumas semelhanças com o palácio da Mouraria, nomeadamente na simplicidade das suas fachadas, em especial na que está voltada para esta via. Tal como aconteceu com a Quinta das Lapas, também ela sofreria grandes alterações no seu interior, sobretudo no que diz respeito ao programa decorativo, adaptando-se às alterações de gosto dos seus proprietários.

Permanece ainda em aberto aquela que tem sido uma das maiores incógnitas com que nos temos deparado na nossa investigação – a questão da autoria destes projectos. Em artigos anteriores citámos já alguns nomes que poderão ter sido responsáveis pela traça do património da família, como o dos arquitectos reais João e Luís Nunes Tinoco, Mateus do Couto (sobrinho), Padre Tinoco ou João Antunes, os quais trabalhavam para o círculo de encomendadores de que Manuel Telles da Silva fazia parte.

Esta questão só vem reforçar a grande qualidade do património arquitectónico mandado construir pelo 1.º Marquês de Alegrete – inserido na elite aristocrática e cultural da época, o seu palácio adapta-se bem à definição (por nós atribuída a Luís Nunes Tinoco²¹) do que deveria ser então a organização de uma casa nobre: “Hum Edifício Nobre tem particular repartiçam de Apoentos para dizer com a Grandeza do Dono, e ter mais Commodidade a sua Família”. Com efeito, do que conhecemos hoje do palácio da Mouraria as características dos seus espaços integram-se bem na descrição dada por este arquitecto salientando-se, entre outros, a existência de um portal com as armas da família através do qual se acedia a um saguão (suficientemente amplo para nele poder rodar um coche), de que partia uma escadaria que acabaria em tabuleiro no piso superior, antes de entrar na *sala vaga*.

GOSTO, PROGRAMA E VIVÊNCIA

A visão alargada do estudo da *casa nobre* – sempre entendida como um microcosmos, que cruza diferentes territórios – está ligada também à vivência dos seus interiores e exteriores, às decorações e ao gosto de quem a habita²².

Deste modo, o estudo dos diferentes espaços de habitar da família Telles da Silva relacionam-se com uma outra história que com ela se pode e deve ligar: a vivência destas casas senhoriais escrutinando, através da organização e de articulação dos espaços e das decorações dos seus interiores, testemunhos do quotidiano daqueles que as habitaram.

Constatámos pelos exemplos analisados, que a *casa nobre* e a sua envolvente é considerada como um todo, onde se inclui a casa propriamente dita, o espaço agrícola e a paisagem, esta última elemento fundamental dinamizador de todo o conjunto.



Fig. 8 – Fachada tardoz da Quinta das Lapas.



Fig. 9 – Fachada tardoz da Quinta Alegre.

(Fotografias das autoras).

²¹ COELHO, Teresa de Campos – “Luís Nunes Tinoco nas festas do casamento de D. Pedro II com Maria Sofia de Neuburgo (1687)”, Revista *Invenire*, n.º 14, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja: Janeiro-Junho 2017 (no prelo). A autora publicará em breve um outro artigo onde este aspecto será mais desenvolvido.

²² Cf. CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A Casa Senhorial em Portugal. Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamento*. Lisboa: Edições Leya, 2015.

A quinta de recreio é um espaço onde se articulam e conjugam o lazer, ou seja a cultura de um tempo livre, com o investimento e com o rendimento económico, indicadores determinantes na organização da casa e na definição do seu programa decorativo.

Como já referimos, nestes dois exemplos a casa assume-se como lugar social e espaço de representação, no sentido de aparato e de programa (conceitos da imagética do período barroco implícitos no desenvolvimento do seu espaço interior, na separação das divisões – *cazas*, para utilizarmos a expressão coeva), e na utilização em locais estratégicos de revestimento azulejar específico²³.

Torna-se importante distinguir o conceito de espaço público do de espaço privado e a sua interligação, que passa igualmente pelo exterior destas habitações nobres – são ainda áreas sociais a varanda, o terraço, o pátio, o jardim, a mata.

O *pátio de entrada*, com os seus muros altos, precede a entrada principal, e está relacionado com a função de receber, constituindo-se como uma ante-sala, o que se estendia igualmente ao exterior desta habitação nobre.

No exemplo da Quinta Alegre, o que hoje nos é dado observar, de imediato, é este grande pátio murado que antecede o acesso à casa, revestido por um lambrim de azulejos onde se destaca um conjunto de figuras de convite²⁴ trajando indumentária masculina do século XVIII, e que convidam o visitante a entrar.



Fig. 10 – Figura de convite do *pátio de honra* da Quinta Alegre. (Fotografia das autoras).

²³ CÂMARA, Maria Alexandra T. G. – *Azulejaria do século XVIII: espaço Lúdico e Decoração na Arquitectura Civil de Lisboa*. Porto: Civilização Ed., 2007.

²⁴ ARRUDA, Luísa – *Azulejaria Barroca Portuguesa. Figuras de Convite*, Colecção História da Arte. Fotografias de Luís Pavão. Lisboa: Edições Inapa, 1993.

No caso da Quinta das Lapas, o acesso faz-se por um monumental e é precedido de um patio de entrada porticado totalmente fechado, com a predominância de planos horizontais, que conferem à estrutura grande solidez e imponente na cenografia que o caracteriza.

Ao longo do século XVIII, o investimento plástico que se verifica nos diferentes espaços de habitar – tendo como um dos principais recursos o azulejo – irá ser visível também nos espaços exteriores, na animação de superfícies e recantos constituindo, como referimos, uma mais valia artística de grande significado.

Comum às duas quintas, são os muretes virados à paisagem com conversadeiras e alegretes revestidos de decoração azulejar. Neste contexto, o azulejo assume-se como elemento plástico de grande visualidade, na multiplicidade de utilizações e diversidade de soluções que apresenta, constituindo uma forma lúdica de animação dos espaços – esta decoração serve, efectivamente, os quotidianos de quem os habita.



Fig. 11 – Pormenor do revestimento azulejar de uma das conversadeiras da Quinta das Lapas.
(Fotografia das autoras).



Fig. 12 – Quinta. Pintura mural, século XIX, detalhe.

Na decoração da Quinta Alegre a pintura mural, já mais tardia²⁵, assume também um destaque especial e completa o ambiente decorativo, criando um cenário muito particular. O ambiente das salas do andar nobre é alegre, festivo, com cenas enquadradas por decoração vegetalista, como cornucópias, laços, flores e folhas de acanto, tendo recentemente sido objecto de um cuidadoso restauro.



Fig. 13 – Revestimento azulejar do tanque da Quinta das Lapas.

²⁵ Esta campanha decorativa terá sido realizada já nas primeiras décadas do século XIX por iniciativa de José Bento de Araújo, então seu proprietário. Foi sobretudo na década de 30 do século XIX que se concretizou uma série de encomendas de decoração de interiores que procuram satisfazer uma burguesia emergente que sublinha o seu “status” social, ao restaurar e transformar palácios antigos que irão ser profusamente decorados por uma nova geração de pintores-decoradores. Cf. LEAL, Miguel Nuno Santos Montez – *O Ressurgimento da Pintura Decorativa nos Interiores Palacianos Lisboetas: da Regeneração às Vésperas da República (1851-1910)*, Dissertação de Doutoramento em História de Arte Contemporânea, FCSH-UNL, 2015.

Em síntese: nestes espaços o novo *sentido do habitar* assenta em diversos princípios tais como – conforto, bem-estar, intimidade e distribuição funcional – estando associado a uma nova leitura da casa nobre, não só como espaço e território de sumptuosidade ajustado ao estatuto e perfil do seu encomendador, mas como terreno experimental de utência e vivência traduzida numa inter-relação dos seus espaços arquitectónicos (interiores/ exteriores-jardins) e com a própria paisagem, entendida como parte integrante do lugar, originando contextos, ambientes e narrativas que determinam o habitar e sua tipologia do lugar.

Estas duas quintas representam um importante testemunho de um património que preservado, projectou no futuro o sentir e vivência do espaço barroco, bem como o estatuto e erudição do seu encomendador, encontrando hoje novas funcionalidades, ligadas a projectos de cariz social.

AGRADECIMENTOS

- Dr.^a Eduarda Napoleão – Departamento Gestão Imobiliária e Património da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Arquivo Fotográfico Lisboa, Estela Casanovas – Hemeroteca Municipal Lisboa, em especial ao Dr. João Carlos Oliveira.
- Dr. Joaquim Moedas Duarte – Associação de Defesa do Património Torres Vedras.
- Dr. Carlos Martins – Diretor de Comunicação e Relações Institucionais da Dianova.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Chancelaria de D. Pedro II, Título do marquês do Alegrete, Manoel Telles da Silva, L. 18, f. 14; L. 5 f. 22.

Arquivo Tarouca (BNP Reservados)

Cartas do Marquês de Alegrete, para o seu filho Fernando Telles da Silva (1707-1708), AT/12a.

AML | Histórico

Livros de Cordeamento (Arquivo Histórico Municipal de Lisboa) – Livro no 18 (Anos de 1688/9) PT-AMLSB-CMLSB-ADM-02-0137 – Livro no 20 (Ano de 1692) PT-AMLSB-CMLSB-ADM-02-0140.

Arquivo do Tribunal de Contas

Décima da Cidade

- Freguesia de Santa Justa, Arruamentos, ano de 1762/3 DC 634 AR
- Freguesia de Santa Justa, Prédios, ano de 1762/3 DC 634 P
- Freguesia do Socorro, Arruamentos, ano de 1762/3 – DC 1160 AR

Fontes Impressas

ALEGRETE, Manoel – *De rebus gestis Joannis II Lusitanorum regis, optimi principis muncupati: Michael Manescal, Ulyssipone*, 1689.

Catálogo dos manuscritos da antiga livraria dos Marquesses de Alegrete, dos condes de Tarouca e dos marqueses de Penalva. [s. l.: s. n.], 1898.

CASTRO, João Baptista de – *Mappa de Portugal antigo e moderno.* Lisboa: Off. de Francisco Luis Ameno, 1762-1763. vol. III.

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Historico publicado no dia 26 de O, utubro de 1827. Dia em que o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel completa os 25 annos de idade. Tomo XI, desde 6 de Maio de 1750, até 31 de Julho do mesmo anno.* Lisboa: na Impressão Regia, Anno 1827.

COSTA, Carvalho da, Padre – *Corografia Portuguesa, e descriçam topográfica do famoso Reyno de Portugal [...].* 2.ª ed. Braga: Typ. de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868-1869.

FONSECA, P. Francisco da – *Embayxada do Conde de Villarmayor Fernando Telles da Sylva de Lisboa à Corte de Vienna, e Viagem da Rainha Nossa Senhora D. Maria Anna de Austria. De Vienna à Corte de Lisboa, Com húa sumária noticia das Provincias, e Cidades por onde se fez ajornada. Dedicada ao Excellentissimo Senhor Joaõ Gomes da Sylva, Conde de Tarouca.* Vienna: na Officina de Joaõ Diogo Kürner, 1717.

MENDONÇA, Joachim Joseph Moreira de – *Historia universal dos terremotos, que tem havido no mundo, de que ha noticia, desde a sua creação até o seculo presente. Com huma narraçam individual do Terremoto do primeiro de Novembro de 1755, e noticia verdadeira dos seus effeitos em Lisboa, todo Portugal, Algarves, e mais partes da Europa, Africa, e America, e huma dissertação phisica sobre as causas geraes dos Terremotos, seus effeitos, differenças, e Prognosticos; e as particularidades do ultimo / por Joachim Joseph Moreira de Mendonça.* Lisboa: na Offic. de Antonio Vicente da Silva, 1758.

MONTEIRO, Frei Pedro – *Sermam nas exequias do excellentissimo senhor Manoel Telles da Sylva, primeyro Marquez de Alegrete, que prégou na Igreja Parochial de N. S. do Socorro, desta Corte de Lisboa, em 13 de Outubro de 1703 [i. é 1709], havendo falecido em 13 de Setembro do mesmo anno...* Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1716.

SERLIO, Sebastiano – *“Tutte l’Opere d’Architettura di Sebastiano Serlio Bolognese [...]”.* Venise: Francesco de’ Franceschi, 1584.

SOUSA, D. Antonio Caetano de – *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa,* Tomo VIII. Lisboa: na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1741. Coimbra: Atlântica, 1949.

Bibliografia

ARAÚJO, Ilídio Alves de – “Quintas de Recreio”, in *Bracara Augusta*, Vol. XXVII, Fasc. 63. Braga: 1973.

ARRUDA, Luisa Capucho – *Azulejaria Barroca Portuguesa. Figuras de Convite*, Colecção História da Arte. Fotografias de Luis Pavão. Lisboa: Edições Inapa, 1993.

ARRUDA, Luísa de Orey Capucho – “O Palácio de Xabregas: do legado de Tristão da Cunha às grandes obras do século XVIII”, *Claro-Escuro: Revista de Estudos Barrocos*. Lisboa: Quimera, n.ºs 6-7 (1991), pp. 151-161.

AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.

BAPTISTA, João Maria – *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*. Typographia da Academia Real das Sciencias, 1878.

CALDAS, João Vieira – *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no século XVIII*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1999.

CALDAS, João Vieira; COUTINHO, Maria João Pereira – “O nome e a função: terminologia e uso dos compartimentos da casa nobre da 1.ª metade do século XVIII”. In MENDONÇA, Isabel M. G.; CARITA, Hélder;

- MALTA, Marize (coord.) – *A casa senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: anatomia dos interiores*. Lisboa: Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014, pp. 130-190.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da – *A arte de bem viver: a encenação do quotidiano na azulejaria na 2.ª metade de setecentos*. Lisboa: FCT/FCG, 2005.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da – *Azulejaria do século XVIII: espaço lúdico e decoração na arquitetura civil de Lisboa*. Porto: Editora Civilização, 2007.
- CÂMARA, Maria Alexandra T. G – “O azulejo na construção dos ambientes decorativos nos séculos XVII e XVIII”. In *Matrizes da investigação em Artes Decorativas V*. Direção Gonçalo Vasconcelos e Sousa. Porto: Universidade Católica Editora, 2013.
- CÂMARA, Maria Alexandra Gago da – “Habitar o espaço barroco: o azulejo e os ambientes”. In *O Barroco em Portugal e no Brasil*. Braga: Edições Esmal, 2012, pp. 689-701.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da; ALBERGARIA, Isabel Soares de – “A casa nobre de setecentos em Ponta Delgada: um olhar sobre a tipologia e modelos da arquitectura civil açoreana”. *Nova Atlântida: revista de cultura*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura (Junho de 2003), pp. 59-71.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da; COELHO, Teresa de Campos – “O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria: do Palácio ausente à memória do sítio”. In *Cadernos do Arquivo Municipal*, II Série, volume V, *Histórias de Casas e de quem la vive(u)*, vol. I, coordenação de Raquel Henriques da Silva, Janeiro-Junho 2016, pp. 81-126.
- CÂMARA, Maria Alexandra T. G.; COELHO, Teresa de Campos – “Quinta das Lapas. Recreio e Erudição numa notável morada do 1.º marquês de Alegrete (1641-1709)”. *III Colóquio Internacional – A Casa Senhorial. Anatomia dos interiores*. Porto: Universidade Católica do Porto, CITAR (no prelo).
- CÂMARA, Maria Alexandra T. G.; COELHO, Teresa de Campos – Textos de apoio à exposição “Quinta Alegre”, organizada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Lisboa: Quinta Alegre, Julho de 2017.
- CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira – *A Essência do Jardim Português*, Dissertação de Doutoramento em Arquitetura Paisagista e Arte do Jardim, Vol. I. Évora: Universidade de Évora, 1995.
- CARITA, Hélder – “O núcleo de «escadas reais» e a formação de um modelo de palácio barroco: de João Antunes a André Soares”. In *Congresso de História da Arte Portuguesa*.
- CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A Casa Senhorial em Portugal. Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamento*. Lisboa: Edições Leya, 2015.
- Homenagem a José-Augusto França*, 4, Lisboa, 2012 – *Actas*. 2.ª ed. Lisboa: Associação Portuguesa de Historiadores de Arte, 2014, pp. 122-133.
- CARITA, Helder e CARDOSO, António Homem – *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983.
- CARITA, Helder; Cardoso, A. Homem; CARDOSO, Miguel Esteves (pref.) – *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou a originalidade e desaires desta arte*. Edição dos Autores, 1987.
- CARVALHO, Ayres de – *D. João V e a arte do seu Tempo*. Lisboa: ed. autor, 1962, vol. 2.
- CARVALHO, Ayres de – “Documentário artístico do primeiro quartel de setecentos, exarado nas notas dos vários tabeliães de Lisboa”, *Bracara Augusta*. Braga: Câmara Municipal, Vol. XXVII, Fasc. 63 (1973), pp. 131-212. Separata.

- CARVALHO, Rosário Salema de – *A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]. Autorias e biografias – um novo paradigma*. Tese de Doutoramento em História da Arte. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.
- CATARINO, Maria Manuela; DUARTE, Joaquim Moedas – “A Quinta das Lapas: da casa construída pelo 1.º Marquês de Alegrete a jardim Romântico/Neoclássico do século XIX”. In COLÓQUIO CHÁS DE PEDRA, 5, Azenhas de Santa Cruz, 2015 – *A quinta*. Torres Vedras: Câmara Municipal, 2015.
- CLUNY, Isabel – *O conde de Tarouca e a diplomacia na Época Moderna*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
- COELHO, Teresa de Campos – *Um concurso para provimento do lugar de arquitecto das ordens militares*. Monumentos. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, n.º 7 (1997), pp. 102-107.
- COELHO, Teresa de Campos – “Luís Nunes Tinoco nas festas do casamento de D. Pedro II com Maria Sofia de Neuburgo (1687)”, Revista *Invenire*, n.º 14, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja: Janeiro-Junho 2017 (no prelo).
- COELHO, Teresa Maria da Trindade de Campos – *Os Nunes Tinoco, uma dinastia de arquitectos régios dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: [s. n.], 2014. Tese de doutoramento em História da Arte, especialidade História da Arte Moderna em Portugal apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CORREIA, Ana Paula Rebelo – “Iconografias nos revestimentos de azulejos da casa senhorial no século XVIII em Lisboa”. In *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, Lisboa: IHA-FSCH-UNL / CEAD-ESAD-FRESS, 2013-2014, pp. 155-174.
- COUTINHO, Maria João Pereira Coutinho – “O palácio do Monteiro-Mor e a visão da arquitectura civil lisboeta na primeira metade de Setecentos por João Gomes da Silva (1671-1738), 4.º conde de Tarouca”, publicada em *Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa de Homenagem a José-Augusto França*. Lisboa: Associação Portuguesa de Historiadores de Arte, 2012, pp. 77-84 (cd-rom).
- FELICIANO, Ana Marta; LEITE, António Santos – *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade: a Região de Torres Vedras entre o Tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Lisboa: Edição e Artes Gráficas, SA, Fevereiro de 2016.
- FERREIRA, O. da Veiga – *Grutas artificiais da Quinta das Lapas: Torres Vedras*. Sep. do Boletim da Junta Distrital de Lisboa, n.º LXXIII-LXXIV, III série, 1970.
- GAIO, Manuel José da Costa Felgueiras – *Nobiliário das famílias de Portugal*, 2.ª ed. Braga: Carvalhos de Basto, 1989. tomo IX.
- GOMES, Paulo Varela – *A cultura arquitectónica e artística em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Caminho, 1988.
- GOMES, Paulo Varela – *O essencial sobre a arquitectura barroca em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.
- JACQUINET, Maria Luísa de Castro V. G. – Manuel Pereira (C.O.), arquiteto: contributos para a desconstrução de um enigma da historiografia da arte. *Invenire*. Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, n.º 7 (2013), pp. 14-19.
- LEAL, A. Soares Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Liv. Ed. de Mattos Moreira e Companhia, Vol. IX, 1880, pp. 657 e 658.
- LEAL, Miguel Nuno Santos Montez – *O Ressurgimento da Pintura Decorativa nos Interiores Palacianos Lisboetas: da Regeneração às Vésperas da República (1851-1910)*, Dissertação de Doutoramento em História de Arte Contemporânea, FCSH-UNL, 2015.
- MATOS, José Sarmiento de – “Quinta”. In PEREIRA, José Fernandes (dir.), PEREIRA, Paulo (coord.) – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Ed. Presença, 1989, pp. 398 e 399.

- MATOS, José Sarmiento de; MATOS, Paulo Jorge Ferreira – “Da relevância dos Livros de Cordeamento no estudo da arquitetura de Lisboa – o caso do Palácio Sanches de Brito”. In *Cadernos do Arquivo Municipal*, 2.ª Série, n.º 1 (janeiro-junho de 2014), pp. 155.178.
- MATOS, Venerando António Aspro de – vedrografias2.Blogspot. Disponível em linha em <http://vedrografias2.blogspot.pt/search?q=quinta+das+Lapas>.
- MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho – *Estuques decorativos: a evolução das formas [sécs. XVI a XIX]*. Parede: Príncipe; Lisboa: Nova Terra, 2009.
- MESQUITA, Marieta Dá – “Metodologias para o estudo do habitar setecentista: o contributo da tratadística e a decifração dos códigos habitativos”. In *GEHA.A1*, n.º 1, Julho de 1998, pp.61-67.
- MESTRE, Victor; ALEIXO, Sofia – *Quinta do Marquês do Alegrete: conservação e restauro do palácio e jardim romântico: relatório prévio e memória descritiva* apresentados à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Lisboa, 2014.
- MIGUEL, Pedro Lopes Madureira da Silva – *Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII: titulares, a corte, vivências e sociabilidades* [em linha]. Lisboa: [s.n.], 2012. Dissertação de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. [Consult. jan. 2016]. Disponível na Internet: <http://hdl.handle.net/10362/7861>.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo – “Casa, casamento e nome: fragmentos sobre relações familiares e indivíduos”. In MATTOSO, José (dir.), MONTEIRO, Nuno Gonçalo(coord.) – *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Moderna*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2011, pp. 130-158.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo – “Casa e linhagem: O vocabulário aristocrático em Portugal nos séculos XVII e XVIII”. Sep. *Penélope*, [s.l., s.n.]: 1993, n.º 2, pp. 43-63.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *O crepúsculo dos grandes: a casa e o património da aristocracia em Portugal: 1750-1829*, 2.ª ed. rev. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- MOREIRA, Rafael – “Do rigor teórico à urgência prática: a arquitectura militar”. *História da Arte em Portugal. O Limiar do Barroco*. Lisboa: Publicações Alfa, 1987, Vol. VIII, pp. 67 a 86.
- MOREIRA, Rafael; RODRIGUES, Ana Duarte (coord.) – *Tratados de Arte em Portugal (Art Treatises in Portugal)*. Lisboa: Scribe, 2011.
- MOURA, Carlos – “O sentido do barroco na arte seiscentista e início do século XVIII”. In MOURA, Carlos (dir.) – *História da Arte em Portugal*, Volume 8. Lisboa: Alfa, 1986, pp. 159-177.
- PARRA, Júlio – *Azulejos – Painéis do século XVI ao século XX*. Lisboa: Museu São Roque / SCML, 1994.
- PEREIRA, João Manuel Rodrigues – *Elites Locais e Liberalismo: Torres Vedras 1792-1878*. Torres Vedras: edição do Município de Torres Vedras, 2000.
- PEREIRA, José Fernandes – *Arquitectura barroca em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1986.
- PEREIRA, José Fernandes (dir.); PEREIRA, Paulo (coord.) – *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Presença, 1989.
- PIRES, Amílcar Gil – “O Lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa”. In *Arte e Teoria – Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*, n.º 9, 2007, pp. 79-91.
- PIRES, Amílcar Gil – *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA, Dezembro de 2013.
- PORTELA, Miguel – “Os Mateus do Couto: Mestres-de-obras do Real Mosteiro da Batalha”. In *Jornal da Golpi-lheira*, dezembro de 2015, p. 23.

- Quinta das Lapas / Portugal, Lisboa, Torres Vedras, União das Freguesias de Maxial e Monte Redondo*. IPA. 00003131 [em linha. Consult. maio de 2016]. Disponível na internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5151.
- RODRIGUES, Ana Duarte – *A escultura de Jardim. Das Quintas e Palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal*. Lisboa: FCG, 2011.
- RODRIGUES, Cecília Travassa et al. – *Torres Vedras. Passado e Presente*. Ed. Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Torres Vedras, 1996, vol I.
- ROSA, Lúcia – “O Restauro da Matriz no Séc. XIX”, *Monumentos*. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, n.º 22 (2005), pp. 50-55.
- SILVA, Augusto Vieira da – “Sítio e palácio do Marquês de Alegrete”, *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal. n.ºs 30/31 (1948).
- SILVA, Maria de Lurdes Ribeiro da – “Aspectos da intervenção do Senado da Câmara na reconstrução pombalina. Os Livros de Cordeamentos”. In *Actas das Sessões: I Colóquio Temático “O Município e a Dinâmica Urbana (séculos XVI a XIX)”*. Lisboa: CML, Divisão de Arquivos, 1997, pp. 101 a 120.
- SILVA, Maria Natália da – *Poder e Família em Torres Vedras no Antigo Regime. Espaço de Actuação e Formas de Controlo Social (1663-1755)*. C.M.T., Ed. Colibri, novembro de 2006.
- SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e – “Inventário dos bens do 1.º Marquês de Abrantes, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses (1676-1733)”. Sep. de *Revista de Artes Decorativas*, n.º 1, 2007. Porto: Citar, pp. 259-262.
- SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e (coord.) – *O luxo na região do Porto ao tempo de Filipe II de Portugal*. Porto: UCE, 2012.
- SUMMAVIELLE, Isabel Maria Araújo Lima Cluny – *O Conde de Tarouca e a diplomacia na época moderna*. Lisboa: [s. n.], 2002. Tese de doutoramento em História e Teoria das Ideias, especialidade História das Ideias Políticas, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- TAROUCAL, C. S. – “O alferes-mor da Restauração”, *Revista Brotéria*. Lisboa, n.º 31, Fasc. 6 (1940), pp. 568-587.
- TAVARES, Gonçalo M. – *Arquitectura, natureza e amor* [em linha]. Porto: Dafne Editora, 2008. [Consult. jan. 2012]. Disponível na internet: <http://www.dafne.com.pt>.
- TORRES; Manuel Agostinho Madeira – *Descrição Histórica e Económica da Villa e Termo de Torres Vedras*. Coimbra: edição fac-similada da 2.ª edição de 1862 pela Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, 1988.
- VA – *Torres Vedras. Passado e Presente*, Vol. 1. Câmara Municipal de Torres Vedras, 1996.
- VALE, Teresa; GOMES, Carlos; CORREIA, Paula; MANTAS, Helena – *Casa da Quinta Alegre / Casa da Quinta do Marquês do Alegrete*. Centro de Formação Profissional da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (IPA.00003200), Direcção-Geral do Património Cultural, Ministério da Cultura, 2004. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3200>.
- VIEIRA, Júlio – *Torres Vedras Antiga e Moderna*. Torres Vedras: Ed. Livraria Livrododia, 2.ª ed., 2011, p. 200; 1.ª ed., 1926.
- VIEIRA, Júlio; SILVA, Carlos Guardado da (pref.); DUARTE, Joaquim Moedas (rev.); RODRIGUES, Luís Filipe (rev.) – *Torres Vedras Antiga e Moderna*, 2.ª ed. Torres Vedras: Livrododia, 2011.